A Encarnação de Jesus

"Está escrito: 'No princípio era o Verbo'. Aqui já eu paro! Quem vem me auxiliar a ir adiante? Não posso superestimar tanto o Verbo, devo traduzi-lo de outro modo, se for esclarecido direito pelo espírito. Está escrito: No princípio era a Mente. Medita bem a primeira linha para que tua pena não se precipite! É a mente que tudo executa e cria? Devia ser: No princípio era a Força! Todavia, também subscrevendo eu isso, alguma coisa já me avisa que não fique aí. O espírito me ajuda! De repente, receio um conselho e escrevo consolado: No princípio era a Ação!'"

Fausto. Johann Wolfgang Goethe

1 – AÇÃO DE JAVÉ NO AT

Deus é ação. Ação em favor da vida, ele criou a vida. Criar é ação. Gn 1,1 diz: "No princípio criou Deus os céus e a terra". No princípio era a ação! Primeiro vem a prática, que é verdade última; a teoria é resultado da prática, para aperfeiçoá-la.

O v. 14 do cap. 1 do Evangelho de João é o conflito central dos 18 primeiros versículos. João parte dele e a parte anterior é introdução, explicação do v. 14.

Antes de entrar no texto de Jo 1,1-14, para ver por que "O Verbo se fez carne e armou tenda entre nós", queremos ver a ação de Javé no AT para que possamos entender a sua ação no NT.

1.1 – O credo dos camponeses israelitas – Dt 6,20-23

O credo define Javé como Deus que luta contra o poder e o Estado (ver também 1Cor 15,24) em favor da classe camponesa escrava no Egito. A característica de Deus é sua luta contra o Estado, que detém o poder, porque ele toma o lugar de Deus; o Estado é Deus. A característica de Deus é a ação libertadora da escravidão; mas para que os ex-escravos possam ter vida é necessário que tenham terra. O credo contém duas ações de Javé contra o Estado: no Egito e em Canaã (contra as cidades-Estado). Deus não só luta contra o Estado porque ele encarna o divino e desta forma o legitima, mas porque o Estado é fruto da injustiça, da acumulação da riqueza e da opressão de uma classe sobre a outra. O Estado surgiu para legitimar a exploração de uma classe sobre a outra e viabilizá-la e garantir que esta exploração continue. Javé está com a classe oprimida e se torna o Deus da classe oprimida, no caso os camponeses. Javé não pode ser o Deus do Estado porque o Estado é deus na pessoa do Faraó. Na luta de classes Estado X camponeses Deus mostra quem ele é e de que lado está. Em Ex 1–15 isto está claramente descrito.

1.2 – O projeto de Deus – 200 anos sem Estado

A conquista da terra dura 200 anos e Javé está presente, tendo como símbolo de sua presença na luta pela terra a Arca da Aliança. Estes 200 anos são uma constante tentativa de preservar a terra conquistada e a própria liberdade que é ameaçada pelos Estados cananeus. Os Estados cananeus conseguem temporariamente, em vários momentos, subjugar tribos, que têm de pagar tributos a eles. Em Jz fica claro que a subjugação camponesa israelita se dá porque os camponeses cometem idolatria (Jz 3,7 e 10,6) e a conseqüência imediata disto é a subjugação ao Estado.

Servir a deuses do Estado, que legitimam a opressão de uma classe sobre a outra, é concordar com a sua própria subjugação. Os deuses cananeus são instrumentos de dominação; servi-los é aceitar o Estado e as conseqüências decorrentes: tributo. Lutando contra o Estado Javé está lutando contra o *modo de produção tributário*, que se baseia na exploração da classe camponesa, e o Estado é o seu instrumento primordial. O Estado por sua vez usa a religião para esconder a exploração e legitimá-la.

Nesta constante luta pela terra, pela liberdade, pela preservação da fé em Javé Deus está com os camponeses, via Arca da Aliança. Os(as) juízes(as) são a liderança que reconduz os camponeses sempre de novo ao projeto de Javé. Este período mostra que seguir deuses cananeus é igual à escravidão, e seguir Javé é igual à liberdade e vida plena. É uma sociedade sem Estado, esta é a Utopia que anima os camponeses, que lutam para poder viver numa sociedade sem classes.

1.3 – A monarquia – a contra-revolução

As contradições internas – boi e escravo (Ex 21–22 e 1Sm 11,7), dívidas (1Sm 22,1-5), idolatria (Jz 8,33 e 10,6), ferro (nova tecnologia) (1Sm 13,19) – e as contradições externas – ataques e saques que as tribos israelitas sofriam por parte das cidades-Estado cananéias e a obrigação, por isso, de formar um exército

permanente – requerem, para proteger as riquezas acumuladas por alguns, o Estado.

Javé é contra a monarquia (Jz 9 e 1Sm 8). Deus controla e combate os reis e a monarquia via profetas. Monarquia e profetas surgem juntos, pois um tem o projeto diferente do outro. Podemos ver uma evolução da luta dos profetas na compreensão de sua tarefa: 1º) combatem apenas os erros dos reis; 2º) lutam para substituir reis por outros reis; 3º) combatem os reis, a monarquia e o Estado; 4º) combatem também o Templo, que dá o respaldo ideológico ao Estado; 5º) no pós-exílio reconstroem o Templo, pois ficou sendo o único espaço de resistência contra o imperialismo persa. O exílio (597-538) serviu para legitimar a ação dos profetas anteriores, houve o reconhecimento de que eles estavam certos em suas palavras e ações e que Javé estava agindo através deles.

A monarquia construiu o Templo para garantir o sistema econômico tributário via religião (1Rs 5,4 – não há mais inimigos nem guerra – o que dispensa o Estado. E os camponeses não querem mais pagar tributos, pois não necessitam mais do exército e do Estado. Aí se constrói o Templo e se esconde nele a Arca da Aliança e se muda a teologia de luta pela terra e contra o Estado para a teologia da bênção, do holocausto, dos ritos, da natureza).

1.4 – A revolução camponesa dos macabeus – 100 anos de independência

Desde 331 o imperialismo grego manda na Palestina. Antíoco IV Epífanes saqueia o Templo de Jerusalém em 169 para poder pagar os impostos (dívidas) que ele tinha para com os romanos por causa de indenizações de guerra. A revolta camponesa inicia num altar nas montanhas por uma família camponesa. Antíoco queria acabar com a fé em Javé e perseguia e matava a todos que seguiam a fé em Javé e as tradições judaicas. A luta iniciou em 167 e acabou em 142, e daí surge uma nova dinastia. Os macabeus eram nacionalistas conservadores, não tinham uma utopia como os camponeses do êxodo e os juízes. Reproduziram o Estado na sua luta, e a libertação do Templo e sua teologia eram o seu objetivo. A falta de uma utopia levou ao que deu: Herodes, o Grande, ficou rei e após ele os seus filhos ficaram com uma parte, cada um, de seu reino. Mas aí os romanos já estavam na jogada. O positivo foi que o movimento macabeu veio de camponeses contra o Estado imperialista grego e foi vencedor. Foi uma guerra camponesa vitoriosa, defendeu a fé em Javé mas não soube construir uma nação camponesa.

1.5 – O Novo Testamento

Lc 2,1-2 faz uma análise da conjuntura internacional e nacional e diz qual era o conflito central dentro do Império Romano: o tributo. César Augusto ordena um censo. E censo se faz para saber de quantas pessoas o Estado Romano pode cobrar tributo. O Império Romano era escravagista e explorava os países subjugados via tributo. Por isso os camponeses israelitas, na época de Jesus, pagavam 55% da produção em impostos: 30% para o Império e 25% para o Templo.

Davi também tentou e fez um censo (2Sm 24,1-7) e Javé foi contra, pois Davi queria mais impostos e gente para a guerra.

Em Jo 11,47-57 fica claro o medo da elite israelita frente à repressão romana. No v. 48 esse medo está expresso, após Jesus ter ressuscitado a Lázaro. O Sinédrio estava lutando para manter as suas vantagens pessoais concedidas pelos romanos. O v. 47 diz que foram os principais sacerdotes e os fariseus que convocaram o Sinédrio. Mostra que o Templo se sentiu acuado pela prática de Jesus. Por isso João coloca a purificação do Templo (Jo 2,13-22) no início do ministério de Jesus; é a sua segunda ação após a convocação dos discípulos. Com isso João mostra que o inimigo número 1 de Jesus é o Templo, que também legitimava a estrutura de classes de sua época. Pois foram o Templo e o Império Romano, na pessoa de Pôncio Pilatos, que crucificaram Jesus. Isto mostra que a ação de Jesus ameaçou o Templo e o Estado (que andavam de mãos dadas, pois o sumo sacerdote era escolhido pelos romanos). Continuava funcionando o esquema iniciado por Salomão para legitimar o Estado e o sistema econômico que lhe dava sustentação.

2 – E O VERBO SE FEZ CARNE E ARMOU TENDA ENTRE NÓS

O v. 14 de João 1 é um dos textos mais radicais da Sagrada Escritura. Aqui Javé radicalizou a sua ação. Antes era o Deus dos camponeses (classe produtora no modo de produção tributário e também no sistema econômico misto tributário/escravagista da Palestina na época de Jesus), agora este Deus se torna um camponês. Encarna-se na classe camponesa espoliada pelo Templo e pelo Império Romano.

2.1 – Jesus nasce numa família camponesa

Se olharmos a genealogia de Jesus apresentada em Mt 1,1-17 veremos que a origem é Abraão, um camponês migrante, e vai até Jessé, passando por Tamar, Raab e Rute. Daí vêm os descendentes da época da monarquia de Davi até Jeconias, e no pós-exílio passa por Salatiel e Zorobabel (no tempo de Ageu e Zacarias). Aí a genealogia retorna novamente a camponeses. Na genealogia os monarcas aparecem como desvio da origem camponesa, o que faz parte da história de Israel.

2.1.1 – Jesus nasce em Belém – Casa do pão

Belém já aparece na genealogia, via Rute, que foi com Noemi de volta àquela cidade porque "o Senhor se lembrara do seu povo, dando-lhe pão" (Rt 1,6). Jesus nasceu na "casa do pão" na miséria, na estrebaria, sem ser aceito, marginalizado, no local e ambiente de trabalho dos camponeses, numa família camponesa em época de opressão romana que estava se estruturando para cobrar mais impostos, via censo.

O texto diz que Jesus nasceu no campo e não na cidade e no palácio; então isto nos mostra a opção que Deus fez. Falamos em opção porque estamos acostumados com a movimentação dos poderosos entre os poderosos. E o Todo-

Poderoso Deus se movimenta entre os sem-poder, porque ele é Deus destes, é Deus da classe que trabalha e sempre é marginalizada, no caso os camponeses. Na luta de classes que se dava na Palestina, entre camponeses e Estado/Templo, Deus está nela junto com os camponeses. Por isso ele só podia nascer no campo, de e em uma família camponesa nos campos de Belém, cujo nome contrasta com a miséria em que viviam os camponeses: casa do pão.

Os primeiros que ficaram sabendo do nascimento de Jesus foram os camponeses que pastoreavam seus rebanhos ali perto. Com isso Deus mostrou qual é o seu local vivencial e de onde vem a solução: do campo, da classe camponesa (na época a classe produtora), e não de Jerusalém e do Templo. Jesus nasceu de uma mulher camponesa. Deus encarnou pela via natural de seu ponto de vista: via mulher (ser com menos valor que um escravo judeu, pois não tinha os mesmos direitos dos homens) que se expressa de uma forma que só mulher camponesa oprimida poderia fazer, como vemos em Lc 1,46-56.

2.1.2 – Fuga e volta do Egito

O relato de Mt 2,13-23 localiza Jesus historicamente e simbolicamente faz o mesmo trajeto que o povo de Israel fez (desde Abraão). Egito aparece como país de refúgio e exílio e de escravidão. Jesus faz de novo o caminho do êxodo para relembrar o projeto de Deus e quem Deus é. Agora é o próprio Deus encarnado que faz este trajeto para reafirmar a sua postura classista desde o AT até o NT, e para mostrar que ele continua o mesmo, pois o Templo o havia deformado. Na volta do Egito a família vai para a Galiléia, longe do Templo.

2.1.3 – Voz do que clama no deserto

O Verbo encarnado é anunciado no deserto. Deserto que foi passagem na saída do Egito, como na volta da Babilônia. No deserto se construiu o projeto de Deus de uma sociedade igualitária, sem classes, sem Estado e do Deus único (Deus de camponeses). No deserto não se andava sem rumo, mas o rumo era a conquista da terra, era a luta contra o Estado.

A prática de João, que anunciou e preparou o caminho a Jesus, era a do batismo longe do Templo de Jerusalém, de graça (sem sacrifícios e sem dar lucro para o Templo). Esta prática era contrária aos interesses econômicos do Templo. João atacava quem dava sustentação ao Templo: os fariseus e saduceus (Mt 3,7-10) que também queriam se batizar. Dizia com isso que não dá para ter duas práticas: a do Templo e a da contestação a ele. João, como também depois Jesus, tirou a atenção do Templo para a vida do dia-a-dia dos camponeses. A pregação partia desse dia-a-dia dos camponeses e seus conflitos, não dos dogmas do Templo e de sua teologia. A partir de João o Templo está marginalizado e superado. Não só isto, mas a prática de João contesta a prática do Templo.

2.2 – Jesus vive na Galiléia

A Galiléia é região de latifúndio (concentração de terra e conseqüentemente de sem-terras) e onde há boa produção de grãos. Como é normal numa

sociedade desigual, havia fome no meio da fartura. Além disso a Galiléia está muito longe do Templo e tem influências das regiões vizinhas a Israel. Os zelotas eram ativos na região e isto se vê pela pregação de Jesus que demonstra diferença clara em sua prática e teologia. Os zelotas eram nacionalistas e teologicamente conservadores, queriam perpetuar a prática do Templo. Este era importante para eles.

Jesus vive e cresce em meio aos camponeses. Ele é um camponês sem terra (Mt 8,20: As raposas têm seus covis e as aves do céu ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça) e empobrecido.

Seus seguidores, os discípulos, eram pescadores e camponeses, e um publicano. Pescador se torna pescador porque não tem terra para plantar, assim como José se tornou carpinteiro porque não tinha terra para plantar (Mt 13,55). Assim Deus encarnou num sem-terra, como aqueles camponeses do Egito que ele guiou para fora da escravidão para junto com eles lutar por terra.

Se olharmos as massas que seguiam Jesus veremos que são mulheres camponesas, prostitutas, estrangeiras (Mt 15,21-28 – mulher estrangeira muda o conceito que Jesus tem de sua missão e de Reino), doentes, leprosos, desempregados, sem-terra, sem-rumo. Por que, sempre que Jesus chegava numa aldeia, reunia tanta gente que o seguia por vários dias e aldeias afora? Esse pessoal não trabalhava? Não. Não tinha trabalho, não tinha terra, só tinha esperança! Ali Deus está no seu ambiente próprio.

No seu programa, em Lc 4,18-19, fica claro quem é Jesus; pois o seu programa é altamente subersivo frente ao Estado que cria os pobres, cativos, doentes e oprimidos. Nem Israel nem Roma nunca aplicarão a lei de Lv 25 (ano da graça, jubilar) que devolve a terra à família de origem, perdoa as dívidas, liberta os escravos. Fica, neste texto, clara a ação de Jesus em favor de uma classe social contra a outra que a oprime. Foi na Galiléia que Jesus falou, na sinagoga, deste programa que ameaça a classe dominante e o seu Estado e o Templo (que nunca exigiu a aplicação de Lv 25 e nem se colocou ao lado dos pobres, o que seria seu papel se fosse Templo de Javé). Com este programa Jesus põe lenha na fogueira da luta de classes entre camponeses e Estado, ele fomenta a luta de classes para acabar com as classes.

2.3 – "Armou a tenda entre nós" – Jo 1,14

Armar a tenda é transitório, é migrante, é provisório, mas mostra a opção de Deus em viver entre os pobres e migrantes, pois é o Deus destes. O evangelista João tem claro o conflito central que Jesus viveu, que foi a luta contra o Templo, que com sua teologia e sua prática de apoio à estrutura de classes impedia o Reino de Deus. Por isso diz que o Verbo se fez carne e armou tenda entre nós, não diz que construiu templo entre nós. Com isso deixa claro que Jesus é a encarnação do Deus do êxodo, que lutou contra o Estado e a sua religião no Egito e depois em Israel. Armar tenda lembra a Tenda da Congregação no deserto e nos 200 anos de luta pela terra antes da monarquia. Na tenda estava a Arca da Aliança que Salomão escondeu no Templo, no Santo dos Santos, pois ela tinha uma teologia anti-Estado e tudo o que gerou o Estado. A tenda pode ser desmontada e levada adiante, onde está a luta do povo pela terra e contra o Estado. Esta era

a função de migrar para onde os camponeses estavam e apoiar as suas lutas. Na frente da tenda os camponeses faziam suas assembléias populares (Nm 27,1-11) e discutiam os seus problemas, suas lutas, celebravam suas festas e seus cultos a Javé. A Tenda era parte integrante da vida dos camponeses; por sua vez o Templo ficava na cidade ao lado do palácio do rei. A própria localização mostra a diferença de significado: Tenda – Deus camponês; Templo – Deus do Estado.

Com Davi começou o desvio: ele levou a Arca para Jerusalém (2Sm 6,12-23) e tentou construir um Templo (2Sm 7,1-17). O texto que fala sobre a ocasião em que Davi quis construir o Templo usa a mesma argumentação que Salomão usou (1Rs 5,4): há paz, não há mais inimigos, então vamos construir um Templo (para legitimar o tributo). Não foi tão pacífico para Davi trazer a Arca para Jerusalém, como relata o texto de 2Sm 6, e Javé foi contra a construção do Templo, como relata 2Sm 7. Javé usa o argumento que desde a saída do Egito a Arca (presença de Deus no meio dos camponeses e de suas lutas) ficou em tenda, e Javé nunca pediu uma casa de cedro. Lembra a Davi a sua origem camponesa (2Sm 7,8). O texto é ambíguo, pois legitima a dinastia de Davi e conseqüentemente a monarquia.

A diferença entre a "Tenda no AT" e "o Verbo armou tenda entre nós" é que agora Deus está fisicamente no meio dos camponeses. Ele faz parte fisicamente da classe camponesa. Ele é um camponês sem terra lutando para retomar a terra e a liberdade que os camponeses conquistaram via êxodo e perderam com a monarquia. A luta e a conquista, agora, serão mais amplas e radicais com a derrota da morte e a conquista da ressurreição.

Com Jesus reinicia o novo êxodo; e neste novo êxodo a luta é contra o Templo dedicado a Javé e contra a estrutura de classes que ele apóia. É o Deus encarnado lutando contra a fé nele. É Javé lutando contra a teologia de Javé e a prática da fé em Javé que são contra Javé. É Javé lutando contra aquilo que fizeram dele (um opressor). Por isso Javé teve que armar novamente a sua tenda no meio dos camponeses, agora para uma luta muito mais difícil, que é contra aquilo que a classe dominante fez dele. É a luta contra a idolatria de Javé, contra o desrespeito ao 2º mandamento. Este "êxodo" Jesus inicia em João com festa (Jo 2,1-12) como em Ex 12, e depois da festa vem o trabalho contra o seu inimigo principal, o templo (Jo 2,13-22), que o levou à cruz; no êxodo (Ex 12,29-51) era a 10ª praga contra o Estado egípcio legitimado pela religião. Esta cruz imposta pelo Templo e Estado, um camponês, Simão Cireneu, ajudou a carregar (Mc 15,21), o que simboliza a continuidade da luta dos camponeses e o seu massacre constante e também a sua solidariedade entre si e entre os que entenderam a proposta de Jesus (Lc 19,28-40).

2.4 – O projeto da Tenda do Deus do êxodo e da Cruz/Ressurreição

Jesus foi condenado e apresentado a Pilatos como herege e subversivo, pelo sinédrio (Lc 23,1-7). A conclusão do Sinédrio foi que Jesus é herege e tem que morrer por causa disso (Lc 22,66-71). Jesus morreu em Gólgota, fora da cidade. Não morreu e ressuscitou no monte Sião, onde ficava o Templo e o palácio e o quartel do governador. A saída de Javé não vem de Sião (Mq 3,12), mas vem de fora da cidade, onde fica o lixo da humanidade, Gólgota. Fora da cidade inicia o projeto de Javé. A ressurreição também aconteceu fora da cidade e num monte

na Galiléia (Mt 28,16-20) aconteceu a ascensão de Jesus. E a partir da Galiléia os discípulos são enviados para pregar e propagar a proposta do Reino de Deus. A partir do campo e dos camponeses sai a proposta do Reino de Deus.

Nos tempos que correm, onde se propaga o *fim da história* e *o fim da utopia*, apresento um esquema incompleto usando as palavras de Paulo em 1Cor 2,3: "E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós". É com fraqueza, temor e tremor que ouso apresentar um esquema que quer procurar relembrar a utopia que nos move. Esquema que talvez seja visto como herético.

I – Projeto da Tenda	II – Projeto do Templo	III – Projeto da Igreja Conservadora	IV – Projeto da utopia da Igreja cristã
1 – Tenda	1 – Templo	1 – Igreja cristã conservadora	1 – Igreja libertadora
2 – MP primitivo	2 – MP tributário/escravagista	2 – MP capitalista	2 – MP comunista
3 – Êxodo	3 – Monarquia	3 – Monarquia ou república + democracia controlada	3 – Democracia
4 – Deserto	4 – Terra seqüestrada por uma classe	4 – Meios de produção da classe dominante	4 – Meios de produção coletivos
5 – Luta pela terra, sociedade sem Classes e sem Estado	5 – Estado concentrador de terra e riquezas	5 – Estado a serviço do capital	5 – Sociedade sem Estado e sem classes (1Cor 15,24)
6 – Continuação do projeto de Deus	6 – A serviço do projeto do Estado (imperialista)	6 – A serviço do projeto imperialista	6 – Projeto de Deus iluminando o projeto da classe trabalhadora
7 – Projeto incompleto (Reino já mais ainda não)	7 – Projeto completo	7 – Projeto completo	7 – Projeto incompleto
8 – Utopia do Reino de Deus	8 – Fim da história; fim da utopia (Reino para os israelitas puros)	8 – Fim da história. Capitalismo não tem utopia	8 – Utopia dos trabalhadores iluminada pela utopia do Reino de Deus
9 – Objetivo final: Vida Eterna	9 – Objetivo final: escravidão total dos camponeses e povos subjugados a Roma	9 – Objetivo final: dependência total dos países pobres. Concentração total do capital nas mãos de um grupo de multinacionais. Superexploração e subjugação dos trabalhadores ao capital	9 – Objetivo final: vida aqui e agora, Vida Eterna/ressurreição

Comparemos I com IV e II com III e veremos as semelhanças e as diferenças.

CONCLUINDO

Jo 1,14 mostra que Javé assume a cultura e o projeto camponês (que na verdade é um projeto de Javé que os camponeses construíram nos 200 anos de conquista da terra).

Javé/Jesus parte da cultura e fé dos camponeses israelitas, com suas tradições advindas do AT para, a partir disso, transformar a sociedade que abafa esta cultura e fé.

No NT Javé retoma o seu projeto de uma classe que havia se desviado para uma raça. Por isso em Jo 1,14 diz que o Verbo se fez carne e armou tenda entre nós; que é a retomada pessoal de Javé para direcionar o seu projeto que Jesus chama de Reino de Deus. Este Reino de Deus é construído a partir de Jesus com os camponeses israelitas, com os quais ele teve contato. Este Reino é vivido e anunciado dentro dos moldes da cultura israelita. É a construção do novo a partir da realidade existente: cultura e fé. Paulo (a comunidade primitiva) continua este projeto para dentro da cultura e fé no mundo greco-romano. No Concílio de Jerusalém Paulo defende a forma de Javé trabalhar a inculturação da fé. Paulo continua o projeto do Reino falando a linguagem do ambiente citadino greco-romano sem prejuízo para o Evangelho. Mas é assim que o Evangelho se espalha dentro e a partir da cultura dos povos. A cultura é o vaso que carrega a flor do Evangelho. A flor não muda, mas a sua cor dá um novo aspecto ao vaso, completa-o.

Günter Wolff
Caixa Postal 18
99680-000 Constantina, RS

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS